

**Atualidades na Clínica da Infância/Adolescência:
fronteiras e desafios**

Romulo Vieiro¹
Renata Dotta Panichi²

Esta edição reflete um conjunto de práticas psicoterápicas produzidas pelos alunos dos Cursos de Formação em Psicoterapia Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência do Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Ao lado do aprofundamento teórico provocado pelos três anos de formação, os artigos aqui apresentados expressam a evolução das experiências clínicas possibilitadas pelo atendimento na Clínica Escola da instituição.

Os três primeiros artigos em destaque receberam os prêmios internos de melhor monografia nos anos de 2008, 2005 e 2004.

Nesta seqüência de trabalhos premiados começamos a edição com a apresentação do artigo de Luciana Deretti, intitulado “Atuação na Adolescência: prisão ou comunicação?”. A autora, por meio de um relato da vivência terapêutica com pacientes graves, demonstra a importância, especialmente no atendimento de adolescentes, da reavaliação do setting e da técnica frente ao estado regressivo encontrado.

A seguir, Mônica Echeverria de Oliveira, traz em cena o estudo da identidade de gênero na infância através da apresentação teórica e clínica de um caso de uma menina de cinco anos e onze meses. A autora, no artigo “A Cor da Menina: um caso de transtorno de identidade de gênero e sua relação com a depressão materna”, indica a depressão materna como o principal fator desencadeador da patologia apresentada pela menina.

Em “Os Outros”, Carolina Freitas, apresenta a importância das relações intersubjetivas na constituição do sujeito, bem como da influência da transmissão transgeracional nas escolhas e na manifestação sintomática. No caso em estudo, há um trauma recorrente na história familiar paterna do adolescente que busca tratamento por apresentar sintomas fóbicos.

Na seqüência, encontramos o artigo “Psicoterapia Psicanalítica de Crianças Realizada em Instituição: Dados Empíricos” de Marina Bento Gastaud, escrito em colaboração com Luciane Maria Kruse, Milene Gonzalez Merg e Maria Lúcia Tiellet Nunes. Neste as autoras apresentam os resultados de uma pesquisa que buscou traçar o perfil de crianças que procuram psicoterapia psicanalítica em instituição, a partir de variáveis sócio-demográficas e clínicas. O estudo concluiu que os profissionais deveriam

¹ Romulo Vieiro, Médico Psiquiatra, Psicoterapeuta e Psicanalista, Especialista em Adultos e Adolescentes

² Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica na Clínica de Adultos, Infância e Adolescência e Psicanálise das Configurações Vinculares.

estar mais preparados para atender a demanda atual de crianças em atendimento, aprimorando técnicas de intervenção direcionadas especificamente às necessidades da população atual, a fim de evitar os altos índices de abandono de tratamento e amenizar o sofrimento infantil.

Os quatro artigos seguintes se referem às publicações elaboradas por psicólogas que concluíram o curso de formação em psicoterapia em dezembro de 2008 no CIPT.

O primeiro deles intitulado “De sua Majestade o Bebê à Criança: reflexões acerca da construção dos limites” de Karina Recktenvald, discorre sobre as relações existentes entre a forma como é desempenhada a função parental e a instauração dos limites, enfatizando a relação entre pais e filhos. O estudo conclui que Psicoterapeutas podem colaborar para esse processo, auxiliando na ampliação do espaço mental, que permite à criança suportar melhor a frustração e visa a proporcionar aos pais um aumento do espaço psíquico para refletir acerca do que se passa no desenvolvimento da criança.

Já, Elisabeth Mazon Machado, aborda no trabalho “A contratransferência na clínica de crianças em situações extremas” diversas concepções teóricas sobre a contratransferência com crianças e pacientes regressivos. A autora sugere que os sentimentos produzidos no terapeuta são produtos da interação entre áreas internas, ativadas na dialética relacional, com as maciças projeções advindas dos pacientes.

Camila Borges Luz, no artigo “Trauma: a ferida que fica”, apresenta os efeitos de vivências traumáticas no psiquismo, através da apresentação de três vinhetas clínicas relacionadas ao trauma e a compulsão à repetição. Concluiu que muitos questionamentos teóricos e técnicos surgem quando a violência invade a subjetividade, produzindo escassas possibilidades de simbolização pelo aparelho psíquico.

Mônica Melchionna Albuquerque no artigo “A Abordagem Vincular no Tratamento de Crianças” aborda questões na técnica do tratamento de crianças. Propõe que a ampliação do setting para além da perspectiva bipessoal é um importante recurso quando se percebe a necessidade da inclusão de pais no tratamento psicoterápico de crianças.

No artigo subsequente, apresentado por Mariana Nolasco de Souza, “Sua majestade: a criança contemporânea e o desafio dos limites”, a autora busca atravessar as fronteiras dos espaços intra, inter e transobjetivos ao abordar a fronteira do “sem limites” contemporâneo. Articula a revisão da literatura com um exemplo clínico que compreende essas questões, também ligadas ao conceito de alteridade, enquanto encontro com o outro que envolve a capacidade de se colocar em seu lugar.

Em “Vivências que permeiam a hospitalização: uma revisão acerca da assistência em hospitalização infantil”, Elena Mônico Gonçalves analisa o sofrimento psíquico de crianças hospitalizadas e seus familiares. Por meio de uma revisão da literatura, fundamenta a importância da proteção da criança de um atendimento impessoal e agressivo. Demonstra que a conscientização das equipes de saúde sobre as peculiaridades desses tipos de atendimentos é uma premissa básica.

Helena Grinblat em “Liberdade - o além da estrutura - a propósito do filme: A liberdade é azul” estabelece uma analogia entre conteúdos teóricos apoiados em conceitos psicanalíticos como a construção do sujeito de desejo, a falta - como inerente ao ser, a desidealização - como condição para a liberdade - e elementos contidos na obra cinematográfica "A liberdade é azul". O percurso histórico apresentado da personagem principal do filme até recuperar seu verdadeiro self reafirma a possibilidade de novos investimentos representacionais para a reconstrução da vida psíquica.

Por fim, um tanto distante do tema em questão, mas não menos importante, abordamos nesta edição “O Adoecimento do Enfermeiro em Hospital da Rede Pública Municipal”, de autoria de Anageiveris Brito e Nelson Eduardo Rivero. O artigo reflete as relações de vida e morte e o adoecimento de profissionais de saúde, demonstrando que as relações de trabalho perpassam por situações de sofrimento físico ou psíquico que caracterizam o adoecimento profissional.